



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA
CAMPUS VI POETA PINTO DE MONTEIRO
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

FLÁVIA MARIA FERREIRA NEVES

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MONTEIRO – PB
2014

FLÁVIA MARIA FERREIRA NEVES

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Profa. Me. Angela Patricia Felipe Gama.

MONTEIRO – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N511i Neves, Flávia Maria Ferreira.
A importância da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil [manuscrito] : / Flávia Maria Ferreira Neves. - 2014.
37 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - PARFOR) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Angela Patricia Felipe Gama, Secretaria de Educação à Distância".

1. Contação de História. 2. Educação Infantil. 3. Literatura.
I. Título.

21. ed. CDD 372.42

FLÁVIA MARIA FERREIRA NEVES

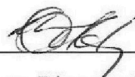
**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A
APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Ciências
Humanas e Exatas da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial
para conclusão do curso de Licenciatura
Plena em Pedagogia.

Aprovado em 26 de Julho de 2014.



Profa. Me. Angela Patricia Felipe Gama
Orientador(a)



Prof. Dr. José Joelson Pimentel de Almeida
Examinador(a)

Ao meu esposo, Milton Afonso Pereira Neves, pela dedicação,
companheirismo e apoio.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas bênçãos oferecidas e a possibilidade de descobrir novos horizontes nesta profissão. Agradeço aos meus pais pelos planos que me permitiu traçar, pelos riscos que me ajudaram a assumir e pela grandiosa vitória que consegui alcançar. Agradeço a meu esposo e as minhas filhas por confiarem em mim enquanto estudante possibilitando o aprendizado profissional. A toda minha família pelos ensinamentos e exemplos. Aos meus amigos que compartilharam as alegrias, as tristezas, ganhos e perdas. Enfim, a todos que participaram direta ou indiretamente neste momento de minha vida.

*“Idéias todo mundo tem. Como é que entram na cabeça da gente?
Entram porque a gente lê, observa, conversa, vê espetáculos.”*

Ruth Rocha

RESUMO

O presente estudo visa expressar a importância da contação de histórias para a aprendizagem na Educação Infantil e propõe sugestões para o professor contar histórias em suas aulas. Ao narrar uma história o educador deve ser capaz de fazer com que a criança demonstre interesse pela história, pois sucinta o imaginário infantil, estimula o intelecto e a formulação de hipóteses, desenvolvendo assim, o potencial e as habilidades da criança. A literatura é um espaço de liberdade, imaginação e aventuras. Contar histórias é uma arte, é fantástico e tem que ser cultivada desde muito cedo. É muito importante para formação de qualquer criança ouvir histórias e permitir que elas se posicionem criticamente diante da realidade. Para a construção desse trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica em obras de diversos autores, podendo assim, oferecer ao educador sugestões para contar histórias para as crianças na Educação Infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de História. Educação Infantil. Literatura.

ABSTRACT

The present study aims to express the importance of story-telling for the learning processes in Early Childhood Education, and it gives suggestions on how the teacher can tell stories during his or her classes. When telling a story, the educator has to be capable of making the children show interest in the story, because it stimulates the child's imagination, intellect and capacity to formulate hypotheses, and so developing the child's abilities and potential. Literature is a space of freedom, imagination and adventures. Story-telling is an art, it's fantastic and it has to be cultivated from an early age. It's very important for the formation of any child to listen to stories and permit that he or she takes a critical standpoint in relation to reality. In order to carry out this study, a bibliographic research of various authors' works was done, which offers to the educators suggestions on how to tell stories to children in Early Childhood Education.

KEY WORDS: Story-telling. Early Childhood Education. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
1.1 As histórias infantis e o livro.....	16
1.2 Contar e recontar.....	17
2. HABILIDADES QUE O EDUCADOR DEVE TER AO CONTAR HISTÓRIAS.....	20
2.1 Os Referencias na Escola.....	22
2.2 O que dizem a LDB e o RECNEI na educação infantil.....	24
3. COMO COMEÇAR A CONTAR A HISTÓRIA.....	24
3.1 Algumas recomendações na hora de narrar a história.....	25
3.2 Técnicas e recursos para contar histórias.....	26
4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO ZILBERMANN.....	30
4.1 Sugestões para atividades.....	31
CONSIDERAÇÕES.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

LISTA DE SIGLAS

LDB - Lei de Diretrizes e Base

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para educação infantil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O Casamento da Dona Baratinha – apresentação de teatro.....	33
Figura 2 – Cinderela – interpretando os personagens da história.....	33
Figura 3 – Era uma Vez um Gato Xadrez - contando historias para os colegas.....	34
Figura 4 – O Coelhoinho que não era de Páscoa – confeccionando fantoches.....	35
Figura 5 – A Pulga Filomena – confeccionando palitoches.....	36

INTRODUÇÃO

O presente estudo visa explorar a importância da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil e propor sugestões e habilidades para o professor adquirir mais experiência ao contar histórias em suas aulas. O educador é um profissional e, por isso, tem de dar conta desse tipo de trabalho. O ser humano está perdendo a experiência em narrar, cada vez temos menos tempo de conversar com as pessoas. Quando o educador ler uma história para sua turma, ele precisa interpretar atos, e isso demanda conhecimento. É essencial também escolher a história, a sua intenção, e avaliar se motivará a turma. Enfim, esta é uma ação pedagógica e artística que requer atuação e performance, o educador tem de aprender a fazer e, para isso, precisa planejar-se e entregar-se a essa arte.

O mundo que as crianças descobrem através das histórias abre caminho à formação de novos conhecimentos, mas é necessário permitir que eles contem histórias para nós adultos, permitindo que eles posicionem-se criticamente diante da realidade.

A contação de histórias na educação infantil ajuda a estimular a curiosidade, o desenvolvimento do pensamento cultural, desperta o imaginário, expande seus conhecimentos e promove que elas vivenciem situações de alegria, tristeza, medo e na personalidade das crianças.

Diante disso, o objetivo geral desse estudo é mostrar a importância e utilização das histórias contadas na educação infantil para o desenvolvimento educativo da criança. Com esse trabalho pretende-se diagnosticar a importância das histórias infantis; mostrar habilidades que o educador deve ter ao contar histórias; identificar diferentes maneiras de se contar histórias na educação infantil; relacionar a contação de histórias e a aprendizagem na educação infantil.

No primeiro capítulo, aborda-se a importância das histórias infantis e o livro e como contar e recontar as histórias infantis.

O segundo capítulo relaciona as habilidades que o educador deve ter ao contar histórias e as técnicas e recursos para contar histórias demonstrando a importância da narração de histórias no contexto da educação da criança.

O terceiro capítulo sugere como começar a contar história e as técnicas e recursos para contar histórias.

No quarto capítulo abordaremos como a contação de histórias contribui para o desenvolvimento da criança na educação infantil segundo Zilbermann e algumas sugestões de

atividades. Os teóricos estudados trazem a linguagem oral e a criatividade como um dos elementos importantes para ampliação das possibilidades de inserção e de participação e sujeitos nas diversas práticas sociais no convívio escolar, relata a literatura infantil assim como a nova concepção dada à arte de contar e ouvir histórias, a partir dos elementos constituintes do livro a fim de atender a criatividade do leitor.

Desta forma, podemos confirmar a importância de contar histórias na educação infantil.

1 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA EDUCAÇÃO INFANTIL

Qualquer pessoa em algum momento da vida já ouviu ou contou uma história, é importante para a formação da criança ouvir histórias e os contos populares, não há nesse mundo um só povo que não tenha suas histórias, essas histórias devem ter nascido com o homem, em algumas de suas necessidades, suas experiências ou algo que poderia ter significado para todos.

Segundo Coelho (1999, p.12), há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – se ficarem quietos conto uma história, se isso, se aquilo... - quando o inverso que funciona. A história aquieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa.

Através de leituras bibliográficas de autores como Betty Coelho, Regina Zibermann e Abramovich, pude observar o quão é grande o universo da literatura e da contação de histórias para a vida das crianças desde sua tenra idade, onde o professor tem seu papel visto como fundamental para intermediar os desenvolvimentos de tais crianças. As atividades com a contação de histórias pode levar as crianças a desenvolverem seu imaginário assim como suas habilidades trabalhando como o aguçar das habilidades já existentes e no desenvolvimento de novas, o que trará muitas construções novas e uma leitura de mundo mais ampliada e significativa.

Segundo minhas pesquisas, as crianças se amparam nas vivências dos personagens para desenvolver as suas vivências, pois se identificam com as experiências dos mesmos, desenvolvendo meios de lidar com seus problemas e dificuldades do dia a dia, onde por vezes facilitam a vida e o entendimento da criança na escola, na vida cotidiana e nas experiências que se encontram durante sua vida toda, mexendo e aguçando seus valores, expectativas e com seus sonhos, fazendo com que a criança saiba lidar com conflitos, rotinas corriqueiras e desenvolvendo-se globalmente.

O papel do professor neste momento é de mediar os conflitos internos e dar a oportunidade da criança desenvolver construções significativas sabendo ler e compreender a contação e seu enredo, tirando das mesmas as mensagens que se escondem nas estrelinhas, lendo com o tempo o mundo de maneira a ter significado, sabendo e por que, para que onde utilizar os conhecimentos construídos, tudo com a intervenção do professor no momento certo, assim como com planejamento das atividades e das histórias a serem contadas.

Neste momento, o professor deve ter em mente objetivos do desenvolvimento que terá que trabalhar com suas crianças, escolhendo, para isso, as histórias certas, onde seja possível a criança participar, dar sua opinião, questionar e compreender a história e o que a mesma pode transformar em sua vida, auxiliando-o no caminho para suas descobertas com significado e com prazer, pois a contação de histórias pode abrir as portas de um mundo e para visões de imenso prazer, transformando e se deixando transformar através do imaginário da criança.

Na infância, a leitura de histórias amplia o desenvolvimento do pensamento, desperta a criatividade, a imaginação e principalmente o gosto pela leitura.

Para Abramovich (1989, p.120 e 121) a importância de se contar histórias para crianças reside no fato de que escutá-las é o início da aprendizagem para se um leitor, é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar as questões.

A narrativa de histórias na infância amplia o universo de conhecimentos e experiências das crianças, desperta a criatividade e o hábito pela leitura, pois quando se conta uma história têm-se vários objetivos entre eles, instruir, ensinar, divertir e educar. É durante a infância que a criança está nesta fase de descobertas e desenvolvimento que se deve promover este contato com os livros, para que ela descubra um mundo de aprender, escrever, imaginar e pensar.

Digamos que o conto poderia ser para as crianças um objeto transicional que lhe permitisse passar do mundo da onipotência imaginária àquele da experiência cultural, e que o prazer e o desejo pudessem encontrar sua fonte de renovação (GILLIG. 1999, p.19).

Contar histórias e despertar a curiosidade, despertar o mundo encantado, o mundo de brincar, de desenhar, de imaginar, é através das histórias que a criança sente diferentes emoções como alegria, tristeza, bem estar, medo, insegurança e aprende a lidar com seus sentimentos.

A contação de histórias na educação infantil é de suma importância, a criança entra no mundo mágico, onde aprende a gostar de ouvir e ler histórias, pois acredito que a criança necessita ouvir histórias para desenvolver sua personalidade em todas as etapas do seu desenvolvimento.

1.1 As Histórias Infantis e o Livro

O livro infantil aborda uma função lúdica, mostra por meio do texto e ilustrações coloridas, um mundo de imaginações, entre outro aspecto criando um elemento de prazer para

quem ler e ouve. Compreende-se que o livro infantil é um importante instrumento para o desenvolvimento da linguagem oral e para a apreciação da linguagem visual para a criança, e uma fonte inesgotável de formação e conhecimento.

Coelho (1997, p. 50), ao diagnosticar a importância das histórias como fonte de prazer com contribuições para o desenvolvimento da criança, estabelece critérios que garantam segurança, naturalidade e sucesso ao narrador. É necessário que o Educador elabore um plano no sentido de organizar seu desempenho, evitando, assim, o improvisado que desqualifica a obra e quebra a seqüência do texto. Dessa forma, a contribuição do mediador deve ser no sentido de ajudar o aprendiz em seus desafios e nas etapas a serem vencidas, e não dirigir ou inculcar qualquer tipo de conhecimento.

Em seu roteiro, o educador deve constar a realização de uma seleção inicial do livro a ser utilizado para atender a faixa etária e os interesses dos ouvintes. Antes de contar ou ler uma história para os alunos é interessante que o professor avalie os conhecimentos prévios necessários para o entendimento da história e, se for o caso, converse com os alunos de maneira a ativar esse conhecimento antes da audição ou leitura pelos alunos. Portanto, para que o contador possa prender o ouvinte à história é preciso que se envolva e goste do estilo daquilo que irá contar, dominando o enredo.

Diante das possibilidades oferecidas pelo livro, Abramovich (1991, p. 24) discorre que nele pode-se descobrir um mundo imenso de conflitos e impasses, cujos problemas são enfrentados e solucionados pelos personagens da história. Ao mergulhar no ambiente imaginário, a criança poderá identificar-se com alguns personagens presentes no enredo da mesma e buscar resolver suas dificuldades pessoais. Os livros devem fazer parte do seu cotidiano familiar e escolar.

1.2 Contar e Recontar

Durante anos estamos sempre em busca de algo diferente, todos os dias somos bombardeados com novas informações e somos desafiados ao novo, assim acontece com as nossas histórias. Quando contamos uma história ou lemos estamos em busca de saber mais, de descobrir novas aventuras e fantasias. É importante utilizar as histórias na tentativa de dar sentido a alguma coisa de maneira lúdica e agradável para quem conta e ouve. Primeiramente é importante imaginar uma visualização daquilo que se conta, criar hipótese, comparar os fatos e cair nesse mundo de imaginação e criatividade.

A educação infantil é o ponto de partida para a contação de histórias, nela a criança usa sua habilidade, criatividade e imaginação, devemos levar em conta os conhecimentos que

a criança já possui ao desenvolver a construção de novos conhecimentos, sabendo quais os percursos que serão necessários para tanto.

Através da contação de histórias, o educador deve incentivar o aluno a situações que fazem a criança pensar.

O aprendizado desperta vários internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKY, 1999, p.117).

Quando uma criança ouve histórias ela cria um mundo só dela, onde ela própria consegue resolver alguns conflitos e soluções, uma vez que, entra neste mundo de magia e compara os personagens com as suas próprias vivências, onde encontram várias respostas e proporcionam outras, além de conhecimento e aprendizagens.

Segundo Garcia (2003, p. 39), “não há exagero nenhum em dizer que quando uma história é bem contada ela marca profundamente a alma do ouvinte”.

Contar e recontar histórias também se faz necessário distinguir as atividades de contar histórias e ler histórias. Na leitura o educador pode interromper para discutir, dialogar, retomar, mostrar figuras, comentar e incentivar a participação dos ouvintes. É um momento mágico e de uma riqueza incontável. Desperta o mundo encantado.

Coelho (1997, p. 56) acrescenta: “(...) as crianças que interrompem com frequência e mostram sinais de indisciplina são as que mais necessitam ouvir histórias”.

Ainda segundo Coelho (1997, p. 13 e 14) citando os elementos essenciais para a estruturação narrativa como: introdução, enredo, clímax e desfecho. Ao escutar as histórias facilitam o contato com a linguagem escrita já que o primeiro contato é feito oralmente pelo contador. Essa narrativa oral desenvolve estratégias de vocabulário mais elaborado e frases completas que possibilitam o desenvolvimento da criatividade com diversas formas possíveis de apresentação das histórias.

A história seduz com toda a imaginação, o sonho, a fantasia, são fontes que alimentam a inteligência da criança, portanto, contribuem para sua formação. O mundo da ficção proporciona uma visão de mundo que, muitas vezes, preenche lacunas resultantes de sua restrita experiência de vida.

Regina Zilbermann (1985, p. 25) diz que através de contos de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades.

Nas salas de aula brasileiras, geralmente e ainda prevalece a idéia de que a leitura infantil está a serviço da moralidade e dos ensinamentos, independente de divertir ou instruir. Boa parte dos educadores quer despertar o gosto pela leitura em seus alunos, sem, no entanto, ser um leitor eficiente. Pelo contrário, seu repertório literário é baixíssimo, não é à toa que o docente, em geral, relaciona-se mal com a literatura e a explora com equívocos quando a leva aos seus alunos.

Coelho (1997, p. 9 e 10) reforça que a utilização do livro, para contação, é bastante significativa quando utilizado com crianças na fase pré-mágica (até 3 anos) e mágica (3 a 6 anos) pelo aspecto da ilustração gráfica ser, na maioria das vezes, tão rica quanto o próprio texto.

Enfim, o importante para a escolha não é se a obra é consagrada ou não, mas se ela contribui para fazer com que a criança enfrente seus medos, vença suas angústias, desenvolva sua imaginação, conheça outros mundos, permitindo que ela tenha acesso à herança cultural da humanidade. Para tanto, é necessário que o Educador veja a literatura infantil de forma saudável, lúdica, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito, e para isso é preciso compreender sua estrutura, sua natureza. Assim, acrescentam-se saberes e vivências novas para o ouvinte ou para o leitor.

Segundo o dicionário Aurélio, re + contar = recontar classifica-se na categoria dos verbos transitivos direto, sugerindo que quem reconta o faz a partir de algo que se ouviu contar, ou seja, contar de novo ou tornar a contar ou ainda contar outra vez.

Já Gomes – Santos (2003, p. 55) acredita no ato de recontar como reedificação de um texto já existente, seja na modalidade escrita ou oral, a partir da contação oral de um texto-base, de acordo com as capacidades lingüísticas do sujeito. Ele propõe ainda que o recontar ocorra através de comentários, com posterior registro individual de cada criança e com uma avaliação docente das produções.

Já Zanotto (2003, p. 06 e 07) pesquisou e relatou a relação da leitura e reconto de livros de histórias infantis por crianças pré-escolares com base no princípio do letramento emergente, isto é, o período que vai do nascimento até o momento em que a criança ler e escrever convencionalmente. E discorre que o reconto possibilita o desenvolvimento de estrutura de uma linguagem interna mais elaborada, sendo que as histórias mais adequadas para serem empregadas nas atividades de reconto são os contos de fadas e os contos populares, pela sua boa construção do ponto de vista cognitivo e não literário.

Portanto, ao escutar uma história, a mesma autora destaca que as crianças devem perceber a sua seqüência para assim reconstruírem mentalmente suas partes, a fim de recontá-la em seguida.

Dessa forma, a repetição auxilia os ouvintes no domínio dos esquemas e das convenções da fala e pela representação mental que o sujeito estará desenvolvendo um esquema interpretativo de histórias.

Coelho (1997, p. 09) defende a audição da história mais de uma vez pelo fato de inicialmente tudo ser novidade, enquanto que não demais, os ouvintes identificam e antecipam fatos assim como apreciam melhor os detalhes.

Já Zanotto (2003, p. 06) acrescenta que é importante que a criança seja orientada no seu recontar, pois isso a auxiliará a prestar mais atenção nos elementos fundamentais e a relembrar do enredo e suas tramas. E são as literaturas atuais, com final aberto, que possibilitam os questionamentos em sua exploração oral e escrita, ampliando assim, a análise crítica e inclusive seu reconto com mais fluidez, acredita Coelho (1997, p. 10 e 11).

Conclui que se contar é mais encantador que ler recontar também tem seus encantos, magias e benefícios, pois, favorece à criança conhecer o enredo das histórias e desenvolver sua oralidade, permite o desenvolvimento de habilidades que levem à produção de narrativas melhor elaboradas por parte de seus alunos.

2. HABILIDADES QUE O EDUCADOR DEVE TER AO CONTAR HISTÓRIAS

Para ser um bom contador de histórias o segredo é ler muito e interagir com o público alvo e não ter pressa para contar a história.

O narrador deve estar disposto a criar uma cumplicidade entre a história e o ouvinte.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases dos nomes...

Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras...

Contar histórias é uma arte... é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (ABRAMOVICH, 1989, p.18)

Para garantir uma boa narração é essencial elementos como agilidade na contação de histórias, expressividade, originalidade, imaginação, sonho, surpresas e fantasias.

Abramovich (1989, p. 21 e 22), discorre que, contar histórias é uma arte, que não pode ser feita de qualquer jeito, pegando qualquer livro, sem nenhum preparo. E quando isso acontece a criança logo percebe que o narrador não está familiarizado com a história e existe uma grande chance de no meio da história o narrador empacar ao pronunciar alguma palavra, fazer as pausas nos momentos errados e perder o rumo da história.

O educador que conta história, abre o imaginário infantil de cada criança, levando-a para um mundo mágico, repleto de aventuras, carinho e descobertas.

Desse modo, ao narrar uma história o educador deve conhecer bem o enredo, vivendo-o e emocionando-se com a situação de cada personagem. É preciso dosar as emoções na hora do conto.

Coelho completa: “Estudar uma história é, em primeiro lugar, divertir-se com ela, captar a mensagem que nela está implícita e, em seguida, após algumas leituras, identificar os elementos essenciais”. (1999, p. 21)

Para os docentes da educação infantil é importante que as histórias sejam contadas com uma linguagem simples clara e com a faixa etária adequada para cada um e de acordo com sua maturidade.

Deve despertar a imaginação e criatividade que há em cada um, narrativas interessantes abrem horizontes para que a criança crie seus próprios personagens.

O Era uma vez... contada nas histórias de contos de fada leva a criança ao mundo mágico e encantado do sonhar.

As crianças da Educação Infantil gostam muito de fábulas, essas histórias levam-nas ao mundo da fantasia imaginação.

O educador deve narrar contos que apresente repetições, e usar instrumentos musicais para aguçar mais a criatividade e fazer com que eles interrompam nesse momento de descobertas.

Segundo Coelho (1999, 12 e 13), dentre os indicadores que nos orientam na seleção da história destaca-se o conhecimento dos interesses predominantes em cada faixa etária.

Até os três anos a criança está na fase pré-mágica, durante esta fase as histórias devem ter o enredo simples e direto.

Dos três anos aos seis é a fase mágica, as crianças ouvem e pede que repitam várias vezes a mesma história.

Na hora do conto, o educador deve ser capaz de transformar o clima em mágico.

O contador de histórias deve narrar de forma descontraída, é uma maneira lúdica de criar narrativas curtas e atraentes.

Devemos usar recursos variados para obter sucesso na narrativa.

Ah, é bom saber começar o momento da contação, talvez do melhor jeito que as histórias sempre começam, através da senha mágica “Era uma vez...”, ou qualquer outra forma que agrade ao contador e aos ouvintes... Ah, e segurar o escutador desde o início, pois ele se desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar... Ah, não precisa ter pressa em acabar, ao contrário, ir curtindo o ritmo de tempo que cada narrativa pede e até exige... E é bom saber dizer que a história acabou de um jeito especial: Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra... Ou com outro refrão que faça parte do jogo cúmplice entre a criança e o narrador (ABRAMOVICH, 1989, p. 21-22).

É importante o contador de história saber se o assunto é interessante, se envolve as crianças e demonstra riqueza de imaginação, precisa entusiasmar motivar e mostrar confiança durante a narração.

2.1 Os Referencias na Escola

LDB Educação Infantil – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil atualizada por meio da Lei nº 12.796.

As atualizações na LDB obrigam os pais a matricularem seus filhos com 4 e 5 anos na pré-escola, proíbe a reprovação das crianças nessa etapa, assegura a elas uma carga horária mínima anual de 800 horas, entre outros benefícios.

Os pais têm o dever de procurar vagas para seus filhos. Caso desrespeitem a lei, a partir de 2016, os pais poderão ser multados de três a vinte salários mínimos ou detidos de 15 dias a um mês.

Quanto às escolas municipais estas poderão se adaptar aos parâmetros da nova lei até 2016. As matrículas das crianças com 4 anos já fazia parte de uma Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, que já determinava uma educação básica e obrigatória dos 4 aos 17 anos.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, assegurada na Constituição Brasileira de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 1996, pressupõe a universalização do acesso da criança à instituição forma de ensino.

A Constituição Federal de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, foram dispositivos legais que contribuíram para a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394 de 1996, no qual ratifica a educação infantil como dever de Estado e, sobretudo, afirma a educação como um direito social.

O termo educação infantil pode gerar diferentes interpretações: uma mais ampla que compreende a educação dada não só pelo ensino formal, mas também pela família, pela comunidade, pelos meios de comunicação, pelas novas tecnologias, manifestações artísticas, etc. Esse processo de relações não planejadas é responsável pela inserção da criança na cultura de forma muito ampla e com resultados não previsíveis. Considera-se a descrição que se encontra na Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional-LDBEN, que designa educação infantil como a primeira etapa da educação básica, no mesmo documento a educação é considerada dever do estado e das famílias. Isto é, as famílias são responsáveis por encaminhar e garantir a permanência das crianças na escola e o Estado por promover educação infantil para todas as crianças. Aliás, um direito garantido pela Constituição Federal.

A partir da década de 90 o Brasil, governo e sociedade civil, vem lutando de diferentes formas para integrar as creches e pré-escolas aos sistemas de ensino, em busca de qualidade, permanência e ampliação do atendimento. Mas, principalmente as creches que estiveram, em

geral, vinculadas aos órgãos de assistência, configurando-se como atendimento aos mais pobres, têm apresentado dificuldades nessa passagem para educação.

As crianças das classes, média e alta em geral freqüentam redes privadas de educação infantil. As de baixa renda procuram as pré-escolas mantidas pelo poder público, já existentes em todos os municípios brasileiros.

Ao longo de várias décadas, a atuação do Ministério da Educação no campo do livro de circulação escolar dirigiu-se, preferencialmente, ao seguimento de livros didáticos. As primeiras ações voltadas para a biblioteca escolar e para o incentivo à leitura e à formação de leitores, como o Programa Salas de Leitura, tiveram início nos anos 80 e se caracterizam pelo atendimento assistemático e restrito a escolas com determinadas faixas de matrícula, definidas previamente a cada ano de atendimento.

Em 1997 foi instituído o Programa Nacional Biblioteca da Educação-PNBE, por meio da portaria ministerial nº 554, que substituiu programas anteriores de incentivo à leitura e de distribuição de acervos às bibliotecas escolares implementados pelo MEC desde 1983. De 1983 a 1999 os programas e projetos nessa área atenderam as bibliotecas das escolas por faixa de matrícula. Em 2000 o PNBE privilegiou a distribuição de obras voltadas para a formação do professor às escolas de primeira a quarta série do ensino fundamental.

No período de 2001 a 2003 foi definido um novo modelo de atendimento, denominado Programa Nacional Biblioteca da Escola-Literatura em Minha Casa e Palavra da Gente, focado na distribuição de coleções de literatura diretamente aos alunos de algumas séries, para uso pessoal.

Como indutor desse processo de parceria o MEC apoiará a implantação e implementação de Centros de Leitura Multimídia em municípios interessados em desenvolver uma política de formação de leitores. Esses centros servirão de referências não só para as escolas públicas dos municípios selecionados como para os municípios circunvizinhos, apoiando atividades de leitura e cursos de formação continuada na área de leitura e biblioteca escolares. Essa ação terá início com a seleção dos municípios por meio de edital específico.

O apoio do Ministério se dará por meio da realização de cursos de formação continuada para professores e mediadores na área da leitura, e da dotação, a cada centro, de equipamentos eletrônicos e de informática, de acervo bibliográfico, de filmes, de mídias do DVD Escola, entre outras matérias.

2.2 O que dizem a LDB e o RCNEI na Educação Infantil

O Referencial Curricular Nacional afirma que:

O âmbito social oferece, portanto, ocasiões únicas para elaborar estratégia de pensamento e de ação, possibilitando a ampliação das hipóteses infantis. Pode-se estabelecer, neste processo, uma rede de reflexão e construção de conhecimentos na qual tanto os parceiros mais experientes quanto os menos experientes tem seu papel na interpretação e ensaio de soluções. A interação permite que se criem uma situação de ajuda na qual as crianças avancem no seu processo de aprendizagem. (1998, V.1, p.32)

O Ministério da Educação publicou uma coleção de documentos intitulados Referenciais Curriculares Nacionais (RCNEI) destinada à educação infantil. Nela estão reunidas propostas para a renovação do ensino nas escolas de educação infantil brasileiras, e outras áreas de conhecimento foram contempladas – linguagem, matemática, movimento, artes, natureza e sociedade.

O RCNEI (1998, p. 140 e 141) propõe objetivos a serem atingidos pelas crianças como forma de promover destinadas capacidades e habilidades como: interesse pela leitura de histórias, participar de várias situações de comunicação oral, e ter contato com os livros. Isto para as crianças de 0 – 3 anos, enquanto que para as de 4 – 6 anos, a instituição deve oferecer meios para ampliar gradativamente suas possibilidades de comunicação.

De acordo com o RCNEI (1998, p.139), a aprendizagem da linguagem oral e escrita possibilita ampliação da formação do sujeito a fim de que tenha uma consciência crítica e transformadora, assim como possibilita a interação social com outras pessoas, a orientação de suas ações e a construção de muitos conhecimentos. E afirma que a oralidade tem destaque nos momentos da roda e de conversas, sendo que essa estratégia que compõe a rotina escolar.

Os RCNEI (1998, p. 145) propõem objetivos a serem atingidos pelas crianças, interessassem pela leitura de histórias, ter contato pela leitura de histórias, livros e revistas.

Para privilegiar a contação de histórias em que a linguagem escrita e oral encontra-se entrelaçadas é importante o recontar das histórias, possibilitando assim, as experiências e conhecimentos das crianças, formando elos de troca e ajuda mútua, favorecendo assim seu desenvolvimento intelectual e cognitivo.

3. COMO COMEÇAR A CONTAR A HISTÓRIA

O ambiente para a hora do conto deve estar apropriado para receber o seu público alvo, o local deve ser aconchegante, tranquilo e agradável. Se o local for aberto deve-se procurar uma sombra e que nesse local esteja livre de interferência de sons ou algo que possa atrapalhar esse momento de prazer. Em lugares fechados podemos criar um ambiente saudável e aconchegante, colocando tapetes e almofadas para o conforto de todos.

3.1 Algumas recomendações na hora de narrar a história:

- fazer silêncio;
- falar o vocabulário desconhecido;
- dizer o título;
- incentivar os discentes para ouvir a história;
- viver a narração;
- viver os pontos culminantes da história;
- procurar comunicar o saber patético, educativo ou dramático, com emoção e sentimentos;
- não antecipar o desfecho;
- apresentar segurança durante a narração;
- usar uma linguagem simples, voz suave, dominando o enredo da história;
- terminar a história de uma maneira poética deixando assim o ouvinte envolvido em uma atmosfera de alegria, beleza, arte e satisfação;
- comentar a história, dirigindo perguntas individuais aos seus ouvintes;
- promover atividades de enriquecimento que poderão partir da história narrada;
- o educador poderá iniciar a hora do com brincadeiras.

Com as crianças tranquilas e confortavelmente acomodadas, é hora de iniciar a história. Segundo Garcia et. al.(2003 p. 37 e 38), o Era uma vez... “é a palavra mágica que tem o poder de abrir as portas para o mundo fantástico das histórias... mas existem outras formas de iniciar uma narrativa tão mágica quanto o “Era uma vez...”.

Outras fórmulas mágicas:

- Era uma vez um reino que ficava atrás da montanha de cristal...
- Foi uma vez...

- Há muito... muito tempo...
- Dizem que era uma vez...

A história no decorrer deve prender a atenção da criança despertando sua curiosidade e estimulando a imaginação. O encerramento da história é tão importante quanto o início e a hora de voltar da magia desse mundo encantado. Garcia, et. al.(2003, p. 39) sugere diferentes maneiras para finalizar histórias.

- E assim viveram para felizes durante anos a fio, nunca beberam em copo vazio.
- Entrou com pé de pato, saiu com pé de pinto, quem quiser que conte cinco.
- A baratinha fugiu e a história acabou...

O educador assim que terminar a hora do conto deve promover uma atividade, conversar com as crianças sobre a história, fazer perguntas sobre os personagens, também pode cantar para descontrair as crianças e desfazer o círculo.

3.2 Técnicas e recursos para contar histórias

É fundamental que o educador aprimore seu conhecimento e habilidades para contar histórias às crianças. É de suma importância, é um momento mágico e de uma riqueza de detalhes incontáveis.

Algumas sugestões na hora das contações de histórias para as crianças.

- A voz

O principal instrumento do contador de histórias é a voz. Esse narrador deve ter uma voz expressiva e definida, compreensível e modificá-la de acordo como os aspectos vividos da história que está sendo contada.

Segundo Garcia (2003, p. 41 e 42), a voz é muito importante para o contador de histórias, pois ela materializa não só as sucessivas fases do conto, momentos de euforia, tristeza, alegria, medo, etc., assim são também os personagens, porque cada um possui uma voz típica e mais compreensiva de ser identificada.

Exemplos:

A rainha possui uma voz fina e fraca;

O leão ruga alto e forte;

Os animais pequenos (filhotes) possuem voz fina e fraca.

O narrador para ter uma boa voz precisa ter alguns cuidados como:

- Evitar gritar;
- Tomar água em temperatura ambiente várias vezes ao dia;
- Comer frutas ajuda na limpeza da boca e laringe;
- Gargarejar água com as cascas de romã uma vez ao dia de preferência em jejum.

- O olhar

É tão importante quanto a voz, é o elo principal do contador de histórias. É através do olhar que o narrador expressa: orgulho, insegurança, indiferença, meiguice...

O contador de histórias deve direcionar o olhar a todos na hora da contação e não se fixar só numa pessoa ou escolher um grupo como platéia.

Segundo Garcia (2003, p. 44), no tempo de nossos pais e avós, a comunicação era feita muito mais pelo olhar do que pelas palavras. Bastava um olhar mais forte e já se sabia o que eles queriam dizer. Hoje falta esse ingrediente na comunidade.

A expressividade do olhar deve ser de suma importância para o contador, o olhar traz o ouvinte para dentro da história.

Técnicas para treinar o olhar: fazer expressões fisionômicas diante do espelho.

- Raiva;
- Medo;
- Emoção;
- Tristeza;
- Alegria...

- A postura corporal

Na contação de histórias, o corpo e as mãos são muito importantes, ajudam a expressar as idéias e entrar no mundo mágico dos contos.

Gestos simples e expressivos nunca exagere nesses elementos.

Os personagens (rei, madrasta, animal, princesa, etc.) têm suas expressões e gestos, todos têm o seu próprio enredo e atitudes.

O contador precisa estar atento durante a preparação das histórias, os gestos devem ser estudados, pois podem ajudar na decodificação e dar uma visão ao imaginário da criança.

Coelho (1999, p. 76 e 77), também cita algumas técnicas utilizadas para a contação de histórias, entre elas estão:

- Simples narrativa.

Tradicional e antiga forma de se contar histórias, não são utilizados nenhum recurso, nem acessório, é através da voz e expressão corporal do narrador. Trabalha o imaginário da criança e estimula a criatividade dos ouvintes.

- O livro

Um recurso ótimo para contar histórias é o livro, é uma das formas para que o discente se apaixone pela leitura. A apresentação do livro é indispensável e a criança sente um enorme prazer em folhear e acompanhar as ilustrações enquanto escuta a história.

Na visão de Coelho:

“devemos mostrar o livro para a classe virando lentamente as páginas com a mão direita, enquanto a esquerda sustenta lentamente a parte inferior do livro, aberto de frente para o público. Narrar com o livro não é propriamente ler a história. O narrador a conhece, já estudou e vai contando com suas próprias palavras sem titubeios, vacilações ou consultas ao texto, o que prejudicaria a integridade da narrativa. (Coelho, 1999, p. 78).

O educador deve ler e estudar a história antes de narrá-la.

Além do livro o educador pode usar outros recursos para contar histórias como:

- Máscaras;
- Marionetes;
- Livro-brinquedo;
- Teatro de sombras;
- Gravuras e outros objetos...

Os fantoches é um recurso para contar e dramatizar histórias, o educador pode confeccioná-los, podendo assim recriar e inventar novos personagens.

- Fantoche de caixas e embalagens;
- Fantoche de saco de papel;
- Fantoche de retalhos;
- Fantoche de sucata...

Outra boa opção são os dedoches.

Uma boa idéia é utilizar instrumentos musicais para dar mais vida e enriquecer a contação de histórias.

Segundo Garcia (2003, p. 45 e 46), não é necessário saber tocar nenhum instrumento musical. Uma pequena batida num pandeiro pode criar no ouvinte a imagem de uma explosão, podemos usar também chocalho, mas não podemos exagerar para não distrair as crianças.

Instrumentos musicais que podem ser usados:

- pandeiro;
- chocalho;
- triângulo;
- sanfona;
- violão;
- caixa;
- latas (sucatas).

4. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL SEGUNDO ZILBERMANN

O conceito de literatura infantil surge no momento em que as preocupações sociais se voltam para a criança. Ela “passa a deter um novo papel na sociedade motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (LAJOLO; ZILBERMANN, 1998, p. 17). Aparece, então, a necessidade de uma literatura que pudesse contribuir para sua formação como indivíduo.

A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão (ZILBERMANN, 1985, p. 13).

A nova valorização da infância gerou os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. O texto literário ganhou importância, já que contribuía para a formação dessa criança. Dentro desse contexto, a literatura infantil continua sendo apropriada, assim como a literatura não-infantil, para fins pedagógico com o objetivo de condicionar a criança para atender aos padrões exigidos.

Estudos realizados na área da leitura e literatura apontam que a literatura infantil, se bem trabalhada, auxilia, não só na formação do caráter, como se teorizou por muito tempo, mas também na formação geral da criança enquanto pessoa crítica e bem informada. A criança que ler adquire mais parâmetros para fazer comparações e selecionar as obras que lhe parecer melhor, tanto em situações escolares como em situações de sua vida cotidiana.

A imaginação, a fantasia e o sonho são fontes que alimentam a inteligência da criança, portanto, contribuem para sua formação. O mundo da ficção proporciona uma visão de mundo que, muitas vezes preenchem lacunas resultantes de sua restrita experiência de vida.

Regina Zilbermann (1985, p. 13 e 14) diz que através de contos de fada, da reaproximação de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades.

4.1 Sugestões para atividades

Sugestões no planejamento de cinco atividades para a sala de aula do ensino infantil sobre contação de histórias: O Casamento da Dona Baratinha, Cinderela, Era uma Vez um Gato Xadrez, O Coelhoinho que não era de Páscoa, A Pulga Filomena.

Por sugestão, os educadores podem usar técnicas de mídias como livros ilustrados de histórias infantis, fantoches, dedoches, teatro, DVDs, CDs e arquivos de som.

Cada história deve ser contada de maneira lúdica, criativa, inovadora e que desperte o imaginário dos alunos.

Objetivos dessas atividades: vivenciar situações lúdicas que possibilitem a expressão do prazer, do conhecimento, da curiosidade, da imaginação, da aprendizagem e principalmente do seu desenvolvimento cognitivo.

O Casamento da Dona Baratinha

Essa história poderá ser trabalhada através de teatro, possibilitando assim os alunos a vivenciarem o comportamento de Dona Baratinha e podendo compartilhar fatos de sua vida com os amigos, valorizando assim a amizade, a solidariedade, respeitando as diferenças e saber ter consideração pelos outros, apesar de tudo, saber superar as dificuldades e nunca desistir. As crianças se identificarão com a personagem e, com o teatro a história ficará mais lúdica.

O educador depois do teatro com os alunos deverá estimular uma discussão entre elas em relação às atitudes dos personagens, e fazer com que eles dêem sua opinião de acordo com o entendimento de cada um.



<http://www.cocguariba.com.br/site/HIST%C3%93RIA>

Cinderela

Essa atividade identifica os personagens e a maneira que cada um representa na história. O educador pode trabalhar uma atividade coletiva e perguntar aos alunos quem gostaria de fazer parte deste conto de fadas, depois de escolhidos os personagens o educador conduzia a contação de maneira mais imaginária possível, questionar com os alunos o que eles pensam sobre a aparência de cada pessoa, se para eles ser gordo era a mesma coisa que ser uma pessoa má, só as pessoas bonitas são felizes, enfim, várias questões ligadas às diferenças e por que o sistema de representação criado socialmente, ou seja, a partir do que observa na sociedade parece ser o correto, por que ser diferente não é normal?



<http://educacaoespecial-nedivonfruauff.blogspot.com.br>

Era uma Vez um Gato Xadrez

Nessa atividade o educador pode explorar o livro como um incentivo à leitura e explorar a imaginação e criatividade desses alunos, Era uma Vez um Gato Xadrez traz uma divertida proposta para o trabalho com as cores. Cheio de imagens coloridas, o texto, escrito em versos rimados, brinca com o imaginário do leitor e do ouvinte. A figura do gato, tão presente no universo infantil, vai mudando de cor e de forma, à medida que o texto vai versando sobre sua cor e relatando o seu comportamento. Com essa obra, os alunos podem aprender sobre cores e sensações cromáticas, sobre linhas e formas.



<http://cantinhodaprofessoralucia.blogspot.com.br/p/oficina-cra-uma-vcz-um-gato-xadrez.html>

O Coelho que não era de Páscoa

Nesta atividade o educador pode usar fantoches e dedoches para que a atividade se torne mais atraente e desperte na criança o imaginário. O Coelho que não Era de Páscoa tinha uma forma de pensar diversificada, assim como todo ser humano tem uma aptidão, nas crianças, desde cedo já começamos a perceber a forma como ela lida com universo, as habilidades manuais, musicais, enfim...É importante que estejamos bem presentes nestes momentos em que as crianças desabotoam as idéias e começam a mostrar identidade. Isso vai fazer uma grande diferença nas suas escolhas.

"O coelho que não era de Páscoa" vem para mostrar o quanto podemos fazer as nossas próprias escolhas, explorando o talento natural que cada um tem e principalmente com muita tranquilidade.



<http://minella-horadoconto.blogspot.com.br/2012/06/pascoa-esta-chegando.html>

A Pulga Filomena

Durante essa atividade o educador deve confeccionar com os alunos desenhos de pulgas com eva e palitos para picolé, para que a contação fique mais lúdica. A Pulga Filomena conta de forma criativa e bem humorada a história de uma pulga que ao pegar uma forte gripe, espirrava e pulava tão alto que acabava caindo no chão. Em consequência, ela apresentou um sintoma inusitado: não conseguia falar corretamente seu nome, pois ao pronunciá-lo, invertia as sílabas e se apresentava como Lofimena, Menafilo e Namelofe. Essa situação preocupava a bicharada que resolveu chamar o Dr. Grilo. Ela após consultar seus livros deu a palavra final: a pulga sofria de língua enrolada e esse problema seria resolvido com a repetição com alguns trava línguas. O professor pode ainda trabalhar o preconceito, adversidade cultural e a discriminação.



http://emjoaquimribeiro.blogspot.com.br/2012/10/deu-pulga-na-sala-de-leitura_31.html

Concluo assim, que fica evidente que a contação de histórias favorece a socialização e a contribuição para o desenvolvimento pessoal e social da criança na Educação Infantil.

CONSIDERAÇÕES

A educação infantil tem percorrido uma trajetória de muitas lutas e de árduo trabalho em busca de legitimidade e valorização. Hoje há um ordenamento legal que viabiliza sua participação nas agendas políticas, o que promove investimentos que demandam escolhas de serviços qualificados. Esse conjunto de escolhas será reflexo de nossas convicções sobre o que é infância e sobre o que queremos para nossas crianças. Podemos decidir que esses espaços serão locais de vivências democráticas e participativas, locais de encontros onde todos os seus atores, crianças, educadores e pais, participem juntos de projetos de significância social.

Ao analisar a contação de histórias na educação infantil, e com base nos estudos, observei como o contar histórias é um instrumento poderoso e fundamental para o educador utilizar na sala de aula. Ele contribui de diversas maneiras na educação das crianças, é viajar pelo mundo das histórias e da imaginação, encantando e despertando no aluno a curiosidade e o desejo por novas descobertas e aprendizagens.

Realizando este estudo foi possível diagnosticar que através da contação de histórias o educador pode e deve tornar a aprendizagem mais significativa e atraente para os alunos da educação infantil.

Considera-se que contar histórias para as crianças, cria um vínculo muito poderoso entre aluno e educador, é uma forma prazerosa de ensinar e aprender.

No espaço da educação infantil, as crianças não alfabetizadas não encontram textos para aprender, mas aprendem com eles, não brincam com textos para estudar ou para se alfabetizar, mas nesse convívio, aprendem sobre si, sobre os outros e sobre os modos de viver no coletivo.

Toda escola tem um papel importante, proporcionar o aprender, procurar ser um instrumento indispensável e também pode utilizar a contação de história na aprendizagem das crianças, nas diferentes situações.

Ao contar histórias para as crianças o educador mostra a elas como é o mundo em que vivem, e como entender um pouco daquilo que as circunda e a diversidade cultural.

É de suma importância que a criança da educação infantil seja estimulada a todo tempo, mantendo-se curiosa e criativa, estimulando assim o pensar.

É através das histórias que a criança pode sentir e transmitir emoções importantes como medo, alegria, bem-estar e tantas outras.

O Educador que proporciona a contação de histórias como recurso em sala de aula aguça interesse e imaginação das crianças, criando assim um universo de pura magia.

Através desse estudo foi possível compreender como é imensa a atividade da contação de histórias e como ajuda no desenvolvimento intelectual e cognitivo dessas crianças.

Constatou-se que a contação de histórias para as crianças da educação infantil é de suma importância e contribui de forma intensa no desenvolvimento e aprendizagem.

Com esse estudo espera-se despertar nos educadores de educação infantil a importância da contação de histórias, a importância da solidariedade e a importância da consideração uns pelos outros, tanto no ambiente escolar como no familiar.

Espero despertar nos educadores de educação infantil um interesse maior por contar histórias em sala de aula tornando-se assim investigadores de novas descobertas e conhecimentos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: Gosturas e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.
- BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, 5. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para educação infantil** \Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. – Brasília: MEC\SEF, 1998.
- COELHO, Bethy. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.
- DOHME, V. **Técnicas de contar histórias**. 7. ed. São Paulo: informal, 2000.
- GARCIA, Walkiria et AL. **Baú do professor**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.
- GILLIG, Jean Marie. **O conto na psicopedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- GOMES-SANTOS. Sandoval Nonato. **Recontando histórias na escola: gêneros discursivos e produção da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LAJOLO, Marisa, ZILBERMANN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ZANOTTO, Maria Angélica do Carmo. Recontar histórias. *Revista do professor*, Porto Alegre, 19 (74): 5-9 abr\jun, 2003.
- ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1998.
- ZILBERMANN, Regina e LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil: Histórias e histórias**. São Paulo: Global, 1998.
- ZILBERMANN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.